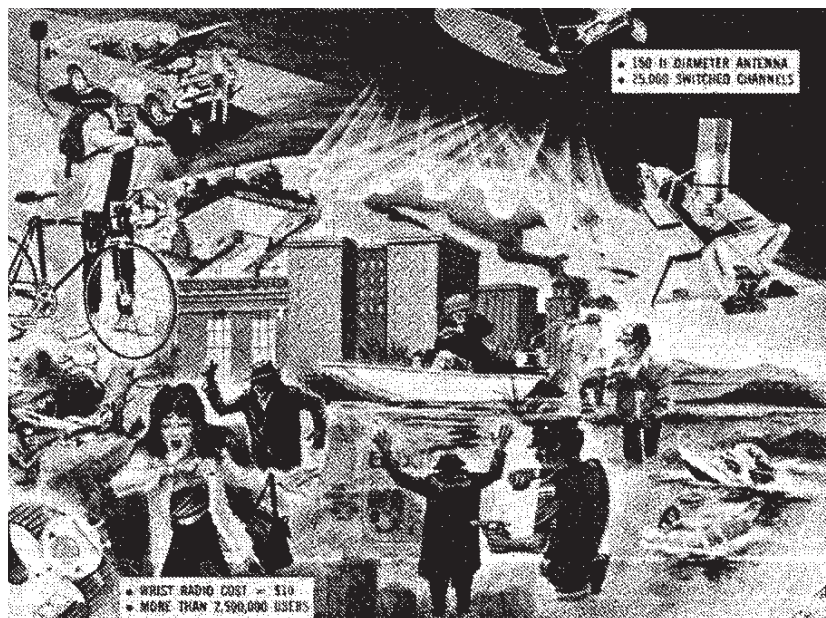


PÁGINA: LÓGICAS DE NEGOCIAÇÃO
ENTRE CULTURA IMPRESSA E CULTURA DIGITAL

SOFIA GONÇALVES + VICTOR ALMEIDA

docentes de Laboratório I+II e Projecto I + II



Eu escrevo...

Eu escrevo: Eu escrevo...

Eu escrevo: "Eu escrevo..."

Eu escrevo que eu escrevo...

*etc.*¹

George Perec, no curto ensaio “A Página”, descreve as operações da escrita para a definição de um espaço – entre acção e registo desenha assim um documento. Ambíguo e laboratorial, programático e poético, o autor ensaia um meta-texto que joga literalmente com todas as macro e micro-estruturas da escrita no seu espaço preferencial – a Página.

Durante o 2º semestre, nas disciplinas de Projecto II e Laboratório II, assumi-

mos a Página, a sua semântica, sintaxe, morfologia, paratextualidade, história, como espaço preferencial para a “escrita” do Design. Partimos da *marginalia* como lugar ainda marcadamente referencial; através da interpretação e da função activa da leitura equacionámos os papéis do autor e do leitor. Das notas à margem passámos à “escrita” – ao utilizar a edição como operação e o reconhecimento intuitivo do livro como

modelo para o conhecimento, a Página transforma-se no espaço primordial de legitimação do discurso em design, um lugar (ainda assim problemático) para a “autoridade” do designer.

Entre a página física ou material e a página digital, acompanhamos toda a história e imaginário do design. A página surge como paradigma, como objecto mitificado que se presta às lógicas de transformação, mas também de continuidade do universo ou léxico do Design de Comunicação. Afirma-se como elemento representativo da ligação do design aos media—com a prensa de Gutenberg, os vários processos de impressão gráfica, fotocomposição, fotocópia, *desktop publishing revolution*, Internet, assistimos simultaneamente à evolução dos valores expressivos em design. Em síntese, à história das várias configurações da escrita sobrepõem-se as várias experiências da formatação gráfica da página.

A aproximação à página faz-se recorrentemente a partir do legado de alguns autores de vanguarda como Tschischold ou El Lissitzky, do trabalho da racionalidade modernista e dos autores do Estilo Internacional, ou na definição da grelha tipográfica, como agente legitimador do espaço da página. Hoje, deixando de lado os princípios de negação de todo e qualquer sistema de ordem pelos pós-modernistas, a recuperação do valor da grelha faz-se na procura de princípios de expansão

dos sistemas físicos em páginas temporais digitais, procurando um novo sentido para uma aproximação à noção de sistema.

Negando a simples coincidência semântica, a nomeação “página” dada ao espaço preferencial de suporte da comunicação digital (a página web) transporta este elemento ontológico do Design de Comunicação, do seu enquadramento tradicional ao contemporâneo. Como elemento transversal à cultura impressa e à cultura digital, a página assume um carácter de normalização paradigmático: sugere uma iconografia, estrutura, léxico e imaginário próprios, de extrema relevância na cultura do design e surge, ao mesmo tempo, como o seu “suporte clássico” (à semelhança da “tela” na pintura).

Contrária à distopia do “fim do livro”, a página digital não contradiz totalmente o formato do código; reorganiza-o tirando partido da especificidade da apresentação electrónica.

Aliás, a ordem do livro reconfigura-se perante as novas situações pragmáticas da rede. O portal web ou as janelas ainda são pensadas como páginas ao partilharem muitos dos seus aspectos tradicionais, sendo recorrentes as aproximações às estruturas clássicas e à organização da página impressa (com o reforço evidente da grelha tipográfica). As páginas web utilizam igualmente a metáfora do portal, como o início de “viagem” ou ponto de

partida (transposto para a *homepage*). A composição organiza-se a partir de *frames* (molduras), o limite clássico da obra de arte na cultura ocidental. Cada página constrói, assim, um determinado ambiente; a navegação através do território virtual aproxima-se duma viagem pelo espaço arquitectónico.

Para além destas aproximações, as páginas analógica e digital assumem também a inevitável dicotomia. A página impressa impõe a sua estrutura hierárquica, fechada através de uma grelha estática (o sistema cartesiano de organização do desenho da página em design) e é o lugar da escrita. A página digital, por seu lado, desdobra-se nas infindáveis ligações da rede, prefere o rizoma à linha de texto e oferece a possibilidade da reescrita. Ao tornar-se independente da matéria, a possibilidade de construção de “páginas sem papel” (um dos tópicos de *Books without pages* de Nicolas Negroponte), anuncia a hipótese de mutação, a ideia de personalização ou reconfiguração do espaço de informação através de mecanismos de reconhecimento das características do utilizador.

Em oposição à fixidez ou conclusão da página impressa, hoje, o computador abraça a possibilidade do incompleto, como qualidade positiva e desejável ao abrir um espaço que nenhuma obra completa parece oferecer. A celebração do incompleto sublinha a importância do processo em vez do objecto; mais

do que a apresentação da solução prefere o estado de suspensão.

O conceito de página leva-nos ainda da unidade à fragmentação. Como unidade ou matriz sólida, disponível à multiplicação que origina o livro, é agora também elemento fundamental das estratégias de fragmentação tipificadoras e estruturantes dos artefactos digitais. A sua multiplicação já não dá apenas origem a um e mesmo objecto (o livro), mas constrói um sistema de relações que não se encerra em si próprio. Mais do que a autoridade ou volume do objecto livro, sublinha-se o sistema, regulado pelos seus princípios internos (o “sítio”) e externos (o ciberespaço). Deste modo, a página web parece tornar exequível o conceito de livro digital. A versatilidade de adaptação de uma unidade menor, a página, parece adequar-se preferencialmente aos princípios hipertextuais da rede. Enquanto a produção de livros electrónicos luta por um mercado e aplicação (porque se tornam menos evidentes as vantagens deste modelo, face ao livro tradicional), o número de páginas web aumenta drasticamente.

Em síntese, a Página oferece-se como paradigma da passagem das lógicas projectuais, de objecto ou produto, a sistema ou processo.

Os trabalhos apresentados no Open Day’11 resultam da aferição de cada aluno à(s) problemática(s) enuncia-

da(s). Tomando a página como espaço permanente de continuidade negociada, como “zona de contacto” entre analógico e digital, encontramos nestes projectos outros modos de representação do fenómeno. Da página como espaço primordial da narrativa que, perante as possibilidades do digital se afirma “lugar instável” (Ana Malheiro), à digitalização, fragmentação ou cópia como processos de virtualização da página impressa e desmistificação da ilusão do digital (Madalena Guerra). Da página como lugar onde o virtual é cada vez mais real, uma camada que se transfere para o espaço urbano (Micael Figueiredo), às hipóteses de exodus—movimento de saída onde se constroem novos territórios, do centro para as margens, do papel para o pixel (Diogo Ramalho). O inventário da morfologia da página, a sua paratextualidade, como exercício de aferição das estruturas comuns entre impresso e digital (Célia Castelo) ou a importação da física dos dispositivos ópticos e dos códigos e linguagens das artes do tempo para o espaço (aparentemente fixo) da página (Rafaela Coelho). Do retorno às afirmações desmesuradas da verticalidade do rolo (*scroll*) e das operações exclusivas do livro digital “push, pop, press” (Andreia dos Reis), à destabilização dos modelos tradicionais do livro, mesmo os de função mais segura, como os dicionários (Rute de Moraes). Da Página

como cartografia de uma biblioteca pessoal (Sónia Reis), à interface como possível modelo museológico—o “plano branco”—permeável ou vulnerável à acção do leitor e das intervenções ocasionais das redes sociais (Tiago Machado). A Página, espaço de reunião de fragmentos dispersos, sistema de representação do invisível (Jaime Ferraz) ou espaço de sedimentação dos diálogos ocasionais, entre pessoas, entre autores ou entre livros (Mariana Araújo). Como possibilidade de retorno aos valores sólidos dos humanistas (João Gomes) ou território permeável à mentira e à inconsistência, lugar de manutenção da eterna intriga de validação imediata do autor pelo códice (Mafalda Sequeira). O leitor como a nova autoridade (Miguel Monteiro) e a leitura como espaço tridimensional prismático, disponível à distorção, reflexão e fragmentação da informação (Renato Amaral). Por último, a edição como operação de autoria (Ricardo Bonacho).

Em conjunto, esperamos que estes trabalhos se ofereçam como momentos de avaliação da vitalidade da Página, espaço privilegiado para o discurso do design.

(1) PEREC, Georges (1974), “The Page” in *Species of Spaces and Other Pieces*, Londres: Penguin, 1997 (tradução livre).